

PASSARINHO ME CONTOU: UM CANTO POLIFÔNICO

Adriane Gomes FARAH*

Resumo: Trata-se de uma análise de uma obra literária infantil, *Passarinho me contou*, de Ana Maria Machado, correlacionando-a com a perspectiva da alteridade. Verificar-se-ão aspectos concernentes à polifonia como recurso estruturante na construção dos sentidos. Analisar-se-á como o diálogo entre vozes levadas ao texto representa um debate ideológico entre várias facetas da identidade nacional, na tentativa de identificar o leitor com uma em detrimento de outras. Apontar-se-á a riqueza de um trabalho de formação do leitor crítico que pressupõe um estudo dialógico da obra.

Palavras-chave: Narrativa literária; Alteridade; Polifonia; Identidade nacional.

1. Introdução

O texto literário sempre foi e sempre será objeto de investigação sob diferentes óticas. Várias são as razões desse fascínio exercido pela literatura e, dentre essas, podemos destacar a questão da intencionalidade estética com que o autor trabalha seu projeto de dizer.

Mais interessante ainda, a nosso ver, é a literatura destinada ao público infantil¹, que, além de lapidação da linguagem, há todo um trabalho com o imaginário pertinente à infância de modo a seduzir esses pequenos leitores para o prazer da interação com o texto.

Poucos são os estudos que intentam constatar a riqueza lingüística dos textos destinados ao público infantil, por isso, nossa escolha se vincula à tentativa de valorizá-los, assim como contribuir, ao tornar um dos seus títulos objeto de análise, para que tais obras passem a se tornar um recurso pedagógico para além da função paradidática à qual, normalmente, estão circunscritos.

Dessa forma, cumpre-nos destacar que, com este trabalho, pretendemos analisar *Passarinho me contou* (PMC), livro destinado ao público infantil escrito por Ana Maria Machado (1984) em parceria com os ilustradores

* Mestre em Língua Portuguesa, professora do Colégio Pedro II e professora convidada da pós-graduação *latu sensu* da UERJ. Email: adrianefarah@gmail.com

¹ Há discussões cujo objetivo é questionar a cisão entre literatura infantil ou infanto-juvenil e literatura adulta. Em função dos nossos objetivos, não trataremos dessa questão, considerando o que o senso comum já sedimentou e, por isso, é a classificação utilizada pelas escolas para o trabalho com textos literários.

Ivan e Marcelo, demonstrando a relação rica e profícua entre a narrativa literária e a alteridade, sobretudo no que tange ao aspecto do diálogo entre vozes (polifonia) que constituem um debate entre várias representações da identidade nacional. Visamos, igualmente, à demonstração de que um texto, em princípio, destinado a essa fase da vida, poderá propiciar uma interação rica e prazerosa quanto mais elaborados forem os recursos discursivos de ativação e/ou de construção do conhecimento e de abertura de sentidos para que o leitor possa se reconhecer e interagir com a leitura.

O recorte analítico que faremos privilegiará a *polifonia* como um elemento estruturante e observaremos como essa estruturação consiste em uma estratégia de identificação do interlocutor com as vozes trazidas ao interior do texto para a desconstrução de umas e incorporação de outras. Vale ressaltar que esse debate de vozes em PMC reflete o conflito inerente à multiplicidade do indivíduo em qualquer fase de sua vida e, no caso especial, ao cidadão brasileiro, uma vez que o livro tematiza questões acerca da nacionalidade. Como se poderá ver, há um debate entre vários discursos que caracterizam a identidade nacional, como o nacionalismo de cunho ufanista e o nacionalismo crítico, construído pelo recurso da polifonia, associado aos elementos característicos à narrativa destinada ao público infantil. Há, ainda, a inserção do discurso democrático que se apresenta como mediação e solução para resolução dos conflitos expostos na narrativa. Desvelaremos, portanto, quais são os efeitos de sentido que a inserção dos discursos de outrem pode evocar; e, sendo o ato de enunciar uma forma de ação sobre o outro, quais seriam as atitudes esperadas de resposta do interlocutor apreendidas pelo debate entre as vozes do texto.

Para que nossos objetivos sejam alcançados, basear-nos-emos, direta ou indiretamente, naquilo que postulam importantes teóricos que analisam as manifestações de linguagem sob um prisma discursivo e/ou pragmático como Mikhail Bakhtin (2000; 2002), D. Maingueneau (2001), J. Authier-Revuz (1998), O. Ducrot (*apud* KOCH, 2000), Ingedore Villaça Koch (1999; 2000), Beth Brait (1996) e Helena N. Brandão (1990; 1998).

Para clarificar os conceitos que consolidam as bases sobre as quais se edificarão nossas análises, trataremos, nos próximos parágrafos, das definições dos termos que nelas serão recorrentes.

Entendemos por *discurso* toda a manifestação de linguagem, verbal ou não-verbal, contextualizada, interativa, com objetivos ou funções, integrada em um gênero determinado, submetida a regras de organização vigentes em um grupo social determinado e monitorada pelo locutor (consciente ou inconscientemente). É, igualmente, o discurso uma forma de ação sobre o outro e, por extensão, sobre o mundo. Todo discurso é assumido por um sujeito que se colocará em posição de concordância, concordância parcial ou discordância daquilo que enuncia e revelará sua atitude perante ao seu co-enunciador. É no cerne de um interdiscurso (relação que o discurso mantém com outros discursos) que se apreende o discurso. Isso porque, para

compreendê-lo na íntegra, é necessária a capacidade de estabelecer a relação que este tem com outras manifestações discursivas.

Em nosso trabalho, *texto* significará “a materialização que engloba o enunciado como um todo, como constituindo uma totalidade coerente (MAINGUENEAU, 2001, p. 57). Esse pode ser produzido por um só locutor ou por muitos; no caso de PMC os locutores são a autora do texto verbal e os ilustradores.

Podemos afirmar que, além de um texto materialização lingüística o livro em análise, por todas as suas características, constitui-se como um discurso. Isto é, PMC revela uma intenção comunicativa: estratégia ou meio de se atingir determinado fim, depreendida em um debate de vozes polifonia transpostas à enunciação literária que serão reforçadas ou refutadas dependendo do ponto de vista que se quer afirmar.

O conceito denominado *polifonia*, introduzido por Bakhtin (2000) para caracterizar o romance de Dostoievski, foi ampliado por vários teóricos. Ducrot (*apud* KOCH, 2000, p. 50-57), transmigrando o conceito para a Pragmática, define-o como as diversas perspectivas, os diferentes modos de expressar pensamentos, ou posições que se materializam em um enunciado, discurso ou texto. Para ele, há dois tipos de polifonia: um deles ocorre quando no mesmo enunciado, mais de um locutor é representado, como o discurso relatado, citações, referências ou argumentação por autoridade, denominado por Koch (2000, p. 57) como intertextualidade explícita; o outro se revela quando, no mesmo enunciado, tem-se mais de um enunciador. Nesse último tipo, os enunciadores representam perspectivas diferentes sem que, para isso, mobilizem textos efetivamente existentes.

A inserção de múltiplas vozes em um texto não pressupõe aderência por parte do locutor. Este pode ou não concordar com a voz por ele mesmo evocada. Vejamos o que diz Koch (2000, p.57) sobre o assunto:

Do ponto de vista da construção dos sentidos, todo texto é perpassado por vozes de diferentes enunciadores, ora concordantes, ora dissonantes, o que faz com que se caracterize o fenômeno da linguagem humana, como bem mostrou Bakhtin, como essencialmente dialógico e, portanto, polifônico.

Todo discurso se integra em um gênero. Este por sua vez se define por determinadas características ligadas à forma de organização e à função que alguns textos apresentam. Assim, por exemplo, uma carta pertence a um gênero e um conto a outro. Os diferentes gêneros apresentam funções diferentes e formas de organização diferenciadas. Isto é, dizemos que *Passarinho me contou* é um conto literário, porque a sua organização é narrativa e a função da linguagem predominante é a literária.

As características principais do gênero em questão são: a presença de narrador e personagens, além de apresentar uma história organizada no

tempo (linear), geralmente ancorada nas ações dos personagens ou na sucessão de fatos. É comum, nesse gênero, haver a inserção de várias vozes (narrador e personagens), seja pela via do relato seja pela citação.

Bakhtin faz uma análise perspicaz dessa inclusão de vozes. O autor discrimina três categorias importantes, o discurso direto, o indireto e o indireto livre, expondo suas características e funções². O discurso direto, e os próprios mecanismos lingüísticos que o representam – aspas, travessão (personagens) – materializam um isolamento que é uma forma de manter a integridade de cada uma das vozes: a de quem enuncia e a de quem produz o discurso que cita o enunciado.³

Já o indireto, também característico do gênero, possui uma tendência analítica, uma vez que “os elementos emocionais e afetivos do discurso não são literalmente transpostos (BAKHTIN, 2002, p.159). Para que o enunciador explicito o que outro disse, é necessário que ele apreenda o conteúdo e a forma da enunciação.

O discurso indireto livre, apesar de recorrente em textos literários, não se materializa em PMC. Vale dizer, no entanto, que este é um caso bastante interessante de polifonia, pois nele mesclam-se as vozes de dois enunciadores; no caso de uma narrativa, a personagem é o enunciador primeiro e o narrador, o segundo. Essa fusão acaba por gerar um efeito estilístico de ambigüidade: torna-se difícil distinguir o ponto de vista de quem fala.

Convém ressaltar que, embora as ilustrações de Ivan e Marcelo sejam igualmente um fator de polifonia, pautar-nos-emos nos enunciados verbais, deixando para outra oportunidade os efeitos de sentido gerados pela interação entre estes e os não-verbais.

Para finalizar, cumpre dizer que a apresentação do trabalho não obedecerá à linearidade do texto. Salientaremos os vários enunciados que consistem em um fator de polifonia, tecendo os devidos comentários. Ao final, no item denominado *O discurso do Canto Polifônico – uma análise macro-textual*, todas as relações entre as partes analisadas serão explicitadas.

2. Um canto polifônico

Conforme já explicitamos, o gênero por que se veicula o texto ou o enunciado é de suma importância para a análise dos seus efeitos de sentido.

² Convém ressaltar que o autor subdivide os discursos direto e indireto em várias subcategorias, como: discurso direto preparado ou esvaziado, discurso indireto analisador do conteúdo e o analisador da expressão. Ele analisa, para estabelecer essas subcategorias, os embreantes: tempos verbais, uso de marcas tipográficas, etc. Para este trabalho, analisaremos as três modalidades sem, necessariamente, recorrer ao estudo dos embreantes, pois nossa pretensão é verificar a polifonia existente em PMC e os efeitos decorrentes da introdução de vozes nesse texto literário. Isso, entretanto, não nos impede de, quando necessário, recorrer a tais elementos de análise.

³ Nas palavras de Maingueneau, discurso citado e discurso citante, respectivamente.

Em se tratando de um conto literário, encontraremos as instâncias enunciativas devidamente configuradas. Em outras palavras, estão presentes o narrador, instância responsável pelo relato; os personagens, cujas vozes serão inseridas pela via do discurso direto ou do indireto; e os componentes regulares de tessitura narrativa: um início que apresenta um cenário em equilíbrio, um desequilíbrio e uma solução. O restabelecimento da harmonia inicial, previsto no gênero, não ocorre em PMC e tal fator será motivo de análise posterior.

Convém salientar que *Passarinho me contou* não é só um conto literário, há a variante de ele ser classificado como uma obra da literatura infantil. Assim sendo, o imaginário da infância também estará presente na narrativa, conferindo-lhe recursos dos contos de fadas, tão apreciados pela faixa etária a que se destina. A seguir, discriminaremos as vozes que falam no texto literário.

2.1. O narrador

É de suma importância para se apreender o jogo polifônico do texto, a análise da abertura da narrativa.

Passarinho me contou é uma expressão popular, de tom intimista, utilizada, geralmente, quando se quer escamotear a identidade de quem fez um relato. Relato este que não é oficial, mas uma “verdade compartilhada por uma comunidade. Nesse sentido, uma espécie de *vox populi* corporificada é o enunciador do texto. Com isso, o narrador transfere a responsabilidade pela asserção a essa coletividade indeterminada, personificada no passarinho e, assim, relativiza a onisciência típica dos narradores de contos de fada, instituindo uma aproximação com seu interlocutor, já que antes de narrar foi ou ouvinte da narrativa. Um exemplo do texto que corrobora essa configuração do sujeito da enunciação é a passagem que transfere para a passarada a voz da comunidade, geralmente a responsável pela divulgação das notícias não oficiais:

Toda essa passarada começou a contar por aí uma notícia de espantar.
(MACHADO, 1986, p. 4)

Assim, podemos afirmar que, no nível da enunciação, há um duplo desdobramento do sujeito. O enunciador um (En_1), aquele que relata o texto, é o narrador que atribui o conhecimento de causa a uma personagem (En_0)⁴, por meio de uma captação literal de uma expressão metafórica. Com esse jogo enunciativo, o narrador adquire liberdade para aderir ou não ao que está sendo narrado, pois não foi ele, em tese, quem presenciou os fatos.

Essa abertura em duas “vozes”, portanto polifônica, já é um discreto indício de que haverá diferentes perspectivas enunciativas. No decorrer da

⁴ Transportamos e adaptamos, para o texto narrativo, o conceito L_0 estudado por Brandão (1998) em um texto publicitário. Para que não houvesse confusão de conceitos, utilizamos En para o enunciador em virtude de ser comum a vinculação entre E e enunciado.

narrativa, isso se comprovará, atestado, sobretudo, pela ironia em dois momentos: na caracterização dos heróis e seus feitos e na metaenunciação,⁵ realizada a partir da expressão *um belo dia*. Vejamos:

Contou também que *um belo dia* até aí nada demais, porque nesse reino *todos os dias eram belos* pois, então, um belo dia (...). (MACHADO, 1986, p. 4) (grifos nossos)

Expressões como *um dia* ou *um belo dia* são conectores textuais típicos do gênero em questão, cuja função, geralmente, é a de introduzir a desarmonia. No caso acima, a expressão foi tomada em seu sentido literal, conferindo um tom irônico à perfeição do reino. Note-se que o metaenunciado se materializa entre travessões, marcando claramente a outra voz, evidenciando a dissociação entre En_1 e En_0 . A ironia estabelecida nessa inscrição da voz independente de En_1 inaugura uma visão crítica que até esse momento da narrativa não havia aparecido. Se observarmos, a narrativa de En_1 se manifesta em discurso indireto com todos os seus embreantes (verbo *dicendi*, conector *que* e verbos nos *pretéritos imperfeito* e *perfeito*). Assim, sintático-estilisticamente, o narrador prepara “seu terreno” para avaliações e inserções de contraponto.

2.2. A voz dos personagens

2.2.1. A voz do passarinho

Ao passarinho é dada a voz, além dos motivos supracitados, para que se construa o discurso nacionalista ufanista. Vários são os enunciados que podem exemplificar tal asserção:

A terra era daquelas em que, se plantando, tudo dá. (MACHADO, 1986, p. 2)
E o que havia nas matas não dá nem para se contar. (MACHADO, 1986, p. 2)
(...) o que tinha de bicho era uma grandeza. (MACHADO, 1986, p. 2)
E quando passarinho conta e fala de bicho, ah!, até suspira! Diz que o melhor são os pássaros, coisa mais linda não há. (MACHADO, 1986, p. 3)

O discurso relatado é a forma recorrente de a voz do pássaro ser materializada, pois propicia ao narrador poder de avaliação sobre o quê e o como “foi dito”. Notemos que as passagens acima são transmitidas pela via do discurso indireto com a particularidade de o último trecho ser construído por uma variante desse discurso, denominada por Bakhtin como *discurso indireto*

⁵ Adotamos, neste ponto, o conceito de metaenunciação desenvolvido por Authier-Revuz (1998). A autora afirma que a metaenunciação ocorre quando o dizer representa-se como não sendo mais óbvio.

avaliador da expressão. Nesse, introduzem-se as palavras e a maneira de dizer do discurso do outro, caracterizando a configuração subjetiva e estilística como expressão. O último trecho é exemplo dessa variante. A presença do verbo *dicendi* marca claramente a responsabilidade enunciativa do pássaro, configurando, assim, o discurso indireto. O narrador, por outro lado, não transmite apenas o conteúdo do enunciado, ele apreende e transmite “de forma analítica a enunciação de outrem enquanto expressão que caracteriza não só o objeto do discurso, mas ainda o próprio falante (BAKHTIN, 2002, p. 160). Geralmente, essa variante apresenta marcas tipográficas, como aspas, para destacá-la. Apesar de no trecho não haver nenhuma marcação que isole as palavras do pássaro, há uma avaliação - “até suspira! - e há pontuação exclamativa, cumprindo ambas o papel discursivo de introdução subjetiva da voz do pássaro.

A nosso ver, em PMC, torna-se produtiva tal construção, pois, além de o narrador continuar se dissociando da voz do pássaro, ao caracterizar sua expressão, compõe, junto com o conteúdo de sua fala, o possível sujeito da enunciação. Assim, marcando um sujeito, um interlocutor direto (o narrador) e um enunciado contextualizado, instaura-se um discurso. O recurso constitui-se, então, em uma estratégia para fazer emergir um discurso ideológico: o nacionalismo romântico de cunho ufanista.

O discurso direto é utilizado em dois momentos pontuais da narrativa. O canto curto da personagem, em sua primeira inserção direta, é o desvendar do problema do reino, funcionando como uma espécie de *insight*:

Problema-da-gente, problema-da-gente, problema-da-gente...
(MACHADO, 1986, p. 19)

Na segunda, dado o contexto, é um tipo de advertência que ajudará a estabelecer um elo entre a ficção e a realidade:

Tesouro-da-gente, tesouro-da-gente, tesouro-da-gente ... (MACHADO, 1986, p. 21)

Os discursos citados consistem em uma forma, como já apontamos, de criar um efeito de autenticidade, proporcionar a distância entre enunciadore e instituir uma objetividade. É por isso que nas citações da fala do pássaro, utilizam-se expressões curtas e repetitivas, condizentes com o que seria o canto de uma ave. Cria-se, assim, um paradoxo: se o pássaro só consegue enunciar expressões curtas e repetitivas, como ele pôde contar toda a narrativa de PMC? A resposta a essa indagação reforça a idéia de que, nas inserções pela via do discurso indireto, ele cumpre a função de representar uma coletividade indeterminada.

2.2.2. A voz do rei

A voz do rei, que se somará à voz do pássaro no discurso nacionalista romântico de cunho ufanista, é materializada, essencialmente, pelo discurso direto. Com isso, cria-se um efeito de autenticidade e integridade da fala da personagem, possibilitando a ilusão de imparcialidade por parte do narrador. A caracterização do rei como um governante que desconhece seu reino e a vida de sua gente pôde ser feita pelos próprios enunciados atribuídos a ele.

E eu que nunca tinha ouvido ninguém insinuar que o reino tivesse problema, muito me espantei. (MACHADO, 1986, p. 8)

2.2.3. A voz do retirante

A voz do retirante é incorporada pela via dos discursos direto e indireto, na enunciação do rei. O retirante é a voz do povo oprimido e sofredor, esquecido pelos poderes públicos que, iludido com a promessa de uma vida melhor, tenta a sorte nas capitais, em tese, o local onde circulam os bens e serviços. As passagens em discurso direto, junto com a caracterização da personagem, são responsáveis pela construção de um outro discurso: o nacionalismo crítico que travará um debate com o primeiro desvelado, no contraponto da voz do rei:

Ele ficou muito agitado e disse assim: “Deus me livre! Eu quero é sumir! Não agüento morar num reino com um problema desses . (MACHADO, 1986, p. 7-8)

2.2.4. A voz das crianças retirantes

As vozes de João e Maria ecoarão junto à do velho na configuração do discurso, por nós denominado, nacionalismo crítico. Desvelando, inocentemente, o problema que deteriora a imagem do reino, as crianças ganham força icônica⁶ em sua fala:

E o rei só ouvia pedaços misturados de cada um, coisas assim: terra seca- gado morrendo- gente com fome- o rio secou- falta d água - doença- enterro- de tão longe- inundaçãõ- acabou a comida- ponte caída (...). (MACHADO, 1986, p. 16)

Embora não seja objetivo nosso analisar o diálogo travado entre os enunciados verbais e a ilustração, não podemos deixar de fazer uma exceção neste momento da narrativa. O jogo de sorte ou azar em tabuleiros,

⁶ Utilizamos tal terminologia, no sentido de representação figurativa, no caso, por meio do código lingüístico.

representando os percalços superados para que os retirantes consigam chegar à capital, além de reiterar a composição de um universo infantil, coerente com os personagens e, principalmente, com o interlocutor previsto, forma, com a passagem supracitada, um painel dos problemas que o reino enfrenta.



Figura 1 **Jogo de avance-e-volte**
Fonte: MACHADO, Ana Maria. *Passarinho me contou*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.17.

2.2.5. As ações que “falam

A sabedoria popular nos ensina que, às vezes, “um gesto vale mais que mil palavras”. Embora não lhes tenha sido cedida a voz, os heróis e o todo o povo do reino, também são, por suas ações, veiculadores de discursos. Nesse caso, o julgamento do narrador se torna evidente e é possível depreender qual o ponto de vista com o qual ele se identifica.

Os heróis individuais, estrangeiros ao reino, típicos de contos de fada, são incorporados ao texto, fazendo alusão à característica exploratória das colonizações⁷ pelas quais o Brasil vem sofrendo desde os primórdios de sua história, além de representar uma crítica velada à esperança

⁷ Ao utilizarmos o termo *colonizações*, referimo-nos à situação de dependência política e/ou econômica nunca superada pelo nosso país.

messiânica⁸, típica do povo brasileiro. Assim, deslinda-se mais um discurso presente no texto: o messianismo, que prevê um “herói” como a possibilidade de salvação para a pátria e, além disso, denuncia-se a falibilidade desse tipo de solução.

A presença de tais aventureiros produz um interessante efeito de sentido. Os “salvadores do reino” ativam o imaginário infantil para estabelecer uma identificação – qual a criança que não quer ser super-herói? – para, logo a seguir, vulnerabilizá-la. Os feitos heróicos são, no gênero em questão, o que geralmente sanam o desequilíbrio, contudo, em PMC, essas personagens são caracterizadas como pérfidas e egoístas, indiferentes à solução do problema do reino.

Já a população, com o debate propiciado pelo rei, entra em cena para articular um outro discurso: a democracia como o elemento capaz de resolver os problemas enfrentados por uma nação.

3. A intertextualidade

Sabendo-se que os enunciados adquirem sentidos diferentes em contextos diferentes, analisaremos a inserção de alguns deles em PMC e os efeitos de sentidos decorrentes de tal fato.

3.1. A descrição do reino

É característica do gênero ao qual pertence PMC a descrição inicial do cenário em que se passará a história. Esse recurso, nos contos de fada, por mais caracterizador que seja, não visa à localização espacial e temporal. Ao contrário, é um dos responsáveis por transmigrar a narração para o plano atópico e atemporal, ancorando a narrativa na categoria do imaginário.

A descrição do reino de PMC ativa uma cenografia que o afastará do gênero, por evidenciar um local definido em um tempo real. Além de evocar, na longa descrição, elementos que constituem a fauna e a flora brasileiras, há a introdução de dois enunciados, bastante conhecidos, que remetem a narração para uma síntese da história do Brasil. Vejamos:

A terra era daquelas em que, se plantando, tudo dá. (MACHADO, 1986, p. 3)
Passarinho me contou que tinha até palmeiras onde canta o sabiá.
(MACHADO, 1986, p. 4)

Embora não tendo sido marcados graficamente – não há aspas ou travessão para isolar o enunciado alheio –, sabe-se que são dois enunciados

⁸ Nesse aspecto, o conto aponta criticamente para um dos aspectos fundamentais da cultura brasileira: o messianismo de origem judaica, herdado pela nossa formação ibérica. Fora isso, há que se considerar o complexo de colonizado que nos assola – o que vem de fora é melhor que o elemento autóctone.

incorporados de outros textos, cuja característica em comum é o caráter laudatório. O primeiro, o trecho da carta descritivo-informativa de Pero Vaz de Caminha, registra o surgimento do Brasil na história das civilizações e o segundo, o poema de Gonçalves Dias, “Canção do exílio”, invoca o sentimento romântico de exaltação à pátria. Assim, esses ícones de brasilidade compõem um cenário que chama o interlocutor à identificação de sua pátria.

3.2. O diálogo intra-textual

Estabelecendo uma estrutura intra-textual (diálogo do texto com o próprio texto), criou-se, em PMC, uma interessante estratégia para esvaziamento dos feitos heróicos. Junte-se a isso o fato de os três cavaleiros serem descritos, entre plumas e estandartes, de forma hiperbólica eivada de profunda ironia. A título de ilustração, transcreveremos trechos de cada um dos enunciados:

O primeiro cavaleiro vestia uma armadura negra reluzente e montava um magnífico corcel branco (...). Combate contra quem? Contra o Gigante Aterrador, é claro (...) Como não havia gigante algum, não consegui encontrar. Mas nem se incomodou (...) Podia dar por encerrada sua carreira de matador de gigantes e passar o resto da vida descansando, no bem-bom. E foi justamente o que fez. (MACHADO, 1986, p. 8)

O segundo cavaleiro vestia uma armadura prateada reluzente e montava um magnífico corcel negro (...). Combate contra quem? Contra o Terrível Dragão, é claro (...) Como não havia dragão algum, não consegui encontrar. Mas nem se incomodou (...) Podia dar por encerrada sua carreira de matador de dragões e passar o resto da vida descansando, no bem-bom. E foi justamente o que fez. (MACHADO, 1986, p.10)

O terceiro cavaleiro vestia uma armadura dourada reluzente e montava um magnífico corcel baio (...). Combate contra quem? Contra o Pérfido Feiticeiro, é claro (...) Como não havia feiticeiro algum, não consegui encontrar. Mas nem se incomodou (...) Podia dar por encerrada sua carreira de matador de feiticeiros e passar o resto da vida descansando, no bem-bom. E foi justamente o que fez. (MACHADO, 1986, p. 11)

Resguardadas as características individuais de cada herói bem como o que encontram e retiram do reino à procura do problema que eles supunham ser, são exatamente iguais as passagens que marcam seus feitos. Estabelecendo um paralelo entre forma e conteúdo, podemos afirmar que essa intertextualidade interna revela, por um lado, que os heróis não existem e, por outro, que as ações realizadas, pelos que assim são (ou foram) considerados, são sempre em benefício próprio. Pode-se, assim, apreender, junto com a metaenunciação abordada anteriormente, o ponto de vista crítico do enunciador (En₁).

3.3 O diálogo com outras histórias infantis

Percebemos também a intertextualidade entre a narrativa em questão e João e Maria, Joãozinho Pé-de-Feijão e outras histórias de cavaleiros e gigantes. Fazendo uso de elementos desses textos, além de evidenciar o caráter lúdico, PMC estabelece uma identificação com o interlocutor em potencial do texto, já que “brinca com o conhecimento compartilhado das histórias ouvidas e/ou lidas nessa fase da vida.

4. O discurso do Canto Polifônico: uma análise macro-textual

Com todas as estratégias de polifonia desveladas, resta-nos relacioná-la aos efeitos de sentido do texto PMC como um todo.

Passarinho me contou, como apontamos na introdução, instaura um debate ideológico entre as diversas vozes evocadas no texto. Essas vozes, na narrativa, atribuídas a diferentes personagens (sujeitos representados), promovem discursos diferenciados que propiciam uma identificação com vistas à sua incorporação momentânea por parte do interlocutor. Ao incorporar esses discursos, o conflito se instaura e, a partir de uma altercação ideológica, esse conflito é levado à consciência, gerando uma reflexão e uma tomada de posição por esse indivíduo. Convém ressaltar que se trata de um processo sucessivo, apontado pelas estratégias textuais. Os discursos se intercalam como em um debate, em que há turno e retorno, uns sendo enfraquecidos e outros sendo fortificados. Esse mecanismo foi construído por diversos recursos diretamente relacionados à polifonia. Um deles é a abertura em duas vozes (o desdobramento em En_1 e em En_0), permitindo uma relativização da onisciência do narrador e, conseqüentemente, uma aproximação maior dele com o interlocutor. Outro recurso é a avaliação que se pode depreender das formas de relatar ou de citar as vozes de personagens⁹. Um outro é a ancoragem do texto, pela via da intertextualidade, em um lugar definido e em uma história, igualmente, definida, fazendo emergir um sentimento de brasilidade e conscientização.

Vejamos, então, como ocorre esse debate de vozes em PMC. Os discursos que emergem dessas vozes ou ações dos personagens dialogam da seguinte maneira: em um primeiro momento, identifica-se o local de que se fala em um discurso nacionalista ufanista, evidenciado pelo passarinho em discurso indireto e pelo rei:

Afinal estamos acostumados a que todos os viajantes fiquem deslumbrados, digam que aqui é um paraíso, o lugar mais lindo do mundo, o céu mais estrelado, a baía mais bela, as flores mais cheirosas... e que

⁹ Sabendo-se que os personagens são criados para a narrativa, a própria caracterização já é imbuída de avaliação.

a graça e a beleza das mulheres de nossa terra são incomparáveis.
(MACHADO 1986, p. 6)

O segundo é o discurso que representa o nacionalismo crítico, despertado pelo reconhecimento de que há problemas no *reino-maravilha*, que é exposto pela voz do velho retirante, com a qual o narrador evidencia, por meio da ironia que permeia toda a narrativa de caráter ufanista, concordância:

Então o velho se levantou da rede (...) e disse: “Está vendo só? O problema é o seguinte... (MACHADO, 1986, p. 8)

O terceiro, que se associa ao nacionalismo romântico, é o do messianismo que emerge das atitudes dos heróis cavaleiros, refletindo uma ideologia de dominação:

Combate contra quem? Contra o Gigante Aterrador, é claro. O cavaleiro negro era especialista em Gigantes Aterradores. Se um reino tinha problemas, para ele só podia ser por causa de um gigante. (...) Se em pé-de-feijão havia gigantes, imaginem em jacarandá... Como não havia gigante nenhum, não conseguiu encontrar. Mas nem se incomodou. Só com as madeiras, as resinas, as plantas medicinais, os frutos, a celulose, as peles preciosas e todos os animais que foi achando pelas florestas, acabou tendo mais do que o tesouro do reino. Podia dar por encerrada sua carreira de matador de gigantes e passar o resto da vida descansando, no bem-bom. E foi justamente o que fez. (MACHADO, 1986, p. 8-9)

O que sucede ao terceiro é uma ratificação discursiva ao nacionalismo crítico representada pela voz das crianças:

E o rei só ouvia pedaços misturados de cada um, coisas assim: terra seca- gado morrendo- gente com fome- o rio secou- falta d água - doença- enterro- de tão longe- inundaçã- acabou a comida- ponte caída(...).
(MACHADO, 1986, p. 16)

O último discurso apresentado é o do princípio democrático, representado pelas ações do povo:

A conversa ainda demorou muito e foi entrando nela muita gente mais. Ministros e não-ministros, nobres e plebeus, gente das escolas e das oficinas, dos laboratórios e das fábricas, homens e mulheres, velhos e crianças, pessoas da capital-maravilha e dos lugares distantes, cheios de fome, discutindo muita coisa, fazendo mais coisa ainda. (MACHADO, 1986, p. 20)

Sabendo-se que todo discurso é uma forma de ação sobre o outro e que quem enuncia deseja uma resposta de seu interlocutor, o que podemos

captar de uma provável resposta-atitude esperada da questão que se impõe pelo conflito dialógico é fazer calar de uma vez por todas o discurso nacionalista laudatório e a eterna tentativa de buscar soluções alhures, por meio de heróis individuais ou coletivos, sobretudo nas nações poderosas internacionais, para que se circule o discurso do nacionalismo crítico e a busca por uma alternativa democrática de resolução dos problemas nacionais.

Resta-nos abordar a questão do gênero. Como se pode ver, PMC constrói, no seu discurso, uma singularidade: suas características apontam para um conto literário infantil, próximo aos contos de fadas. Ao interagir com o texto, entretanto, percebe-se claramente que, diferentemente desse tipo de narrativa, o lugar de que se fala é real e os heróis são descaracterizados, isto é não conduzem a solução e não há final feliz. Há somente uma possibilidade de processo que envolve uma coletividade para que se restabeleça a harmonia. Isso gera um efeito de sentido ímpar: a estrutura de conto de fadas é utilizada para desconstruir a visão utópica que esse tipo de texto representa.

5. Considerações finais

Passarinho me contou, como se pode observar, é uma obra singular de nossa literatura infantil. A polifonia, nele instaurada, revela-se como uma rica estratégia para fazer emergir discursos culturalmente introjetados, mas nem sempre conscientes, principalmente em se tratando de leitores infantis. O enunciador, ao provocar um conflito, a partir dos elementos de identificação analisados, estabelece um debate produtivo, apontando para a vitória do nacionalismo crítico e do princípio democrático.

Destarte, fica patente que a estrutura dialógica, por meio da polifonia, revela-se uma ótima estratégia de construção de sentidos. A partir dessa, no caso de PMC, promove-se a possibilidade de identificação com os discursos característicos da identidade nacional, de forma crítica e atuante.

Tal fato nos leva a reafirmar a importância de uma abordagem discursiva na leitura e análise de textos ricos como o que está em estudo. É preciso frisar, entretanto, que, como alternativa pedagógica, não basta que seja dada a oportunidade de leitura de textos como PMC para trabalhar as típicas perguntas insipientes de localização de informação ou conferir-lhes um tratamento paradidático. É necessário fazer com que o aluno perceba as estratégias discursivas presentes em um texto. No caso de PMC, seria um bom tópico de discussão a análise dos índices de polifonia e, dentro desse, o diálogo que o texto estabelece com outros textos e os efeitos de sentidos gerados por essa inserção. Isso seria fundamental para a construção de uma competência lingüística realmente significativa, pois se estaria fornecendo possibilidades de a criança poder ler qualquer tipo de texto, inclusive o *texto-mundo*, no qual estão previstos debates discursivos de várias ordens: existencial, social, político, ideológico, entre outros.

FARAH, A. G. PASSARINHO ME CONTOU: A POLYPHONY SONG

Abstract: *It is an analysis of a children's literary work, Passarinho me contou, by Ana Maria Machado, correlating it with the perspective of otherness. There will be issues concerning the polyphony as a resource structure in the construction of the senses. It will examine how the dialogue between voices brought to the text represents an ideological debate among various facets of national identity, in an attempt to identify the reader with an over others. Point will be a wealth of work to educate the reader assume that a critical study of the dialogue work.*

Key words: *Literary narrative; Otherness; Polyphony; National identity.*

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Enunciação e metaenunciação: heterogeneidades enunciativas e problemáticas do sujeito. In: _____. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. São Paulo: Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 19. ed. São Paulo: Hucitec:Annablume, 2002.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Unicamp, 1996.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 1990.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Subjetividade, argumentação e polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Unesp, 1998.

KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2000.

MACHADO, Ana Maria. *Passarinho me contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos da comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.